

Abidjan, Addis Abeba, Argel, Harare, Mombasa,

3 de Junho 2013

A iniciativa “Cimeira da Fome” do G8 rejeitada pela sociedade civil Africana - A aquisição corporativa da agricultura e da terra aumentarão a fome, afirmam estes grupos

Ao centro das principais iniciativas para “modernizar” a agricultura Africana está um impulso para abrir mercados e criar espaço para garantir lucros para as multinacionais. Tecnologias da Revolução Verde - e as mudanças legais e institucionais a serem introduzidas para as apoiar - irão beneficiar uns poucos à custa da maioria.

No momento em que líderes mundiais se reúnem em Londres esta semana num encontro de alta visibilidade, na ‘Cimeira da Fome’, para endossar a onda em curso de iniciativas para ‘modernizar’ a agricultura Africana, 57 organizações de agricultores/as e da sociedade civil de 37 países através do continente condenaram estes esforços como ‘[uma nova onda de colonialismo](#)’. Harmonização, comércio livre e a criação de instituições e infraestrutura para facilitar a penetração das companhias multinacionais em Africa são apresentadas como a solução à insegurança alimentar no continente. Estas grandes companhias multinacionais de sementes, fertilizantes e agroquímicos estão a configurar a agenda para a “Nova Aliança para Segurança Alimentar e Nutricional em África” do G8, para a Aliança para a Revolução Verde em África (AGRA) e para a implementação do Programa Compreensivo de Desenvolvimento da Agricultura Africana (CAADP) da União Africana.

“Este foco actual em África tem de ser colocado no contexto maior das crises globais crescentes com dimensões financeiras, alimentares, de energia e ecológicas. A África, com a sua terra designada como ‘abundante’ ainda que ‘subutilizada’, é vista como a nova fronteira para tudo isto” disse Meriam Louanchi da Association de Réflexion, d’Echanges et d’Actions pour l’Environnement et le Développement (Associação de Reflexão, Trocas e Ações para o Meio Ambiente e Desenvolvimento), uma ONG Argelina.

Este interesse renovado na agricultura Africana está enquadrado na lógica da Revolução Verde: introduzir sementes híbridas (ou potencialmente geneticamente modificadas) que, usadas conjuntamente com irrigação e fertilizantes e pesticidas químicos, produzem rendimentos maiores. Empurrando pequenos/as agricultores/as para a economia de dinheiro através da concessão de crédito é fundamental a este processo.

Contudo, experiências prévias da Revolução Verde não auguram nada de bom. Ganhos iniciais na produtividade baixaram, como foi o caso na Índia, enquanto o próprio sistema resultou num aumento da concentração da posse da terra, e num declínio no número de famílias produtoras de alimentos, com pouca opção para outras oportunidades de subsistência. “Isto foi acompanhado por uma perda vertiginosa de biodiversidade, uma degradação severa do solo e poluição

de água devido ao uso excessivo de fertilizantes sintéticos, e escassez de água causada pelo desperdício de água em irrigação,” observou Million Billay, Coordenador da *Alliance for Food Sovereignty in Africa* (AFSA- Aliança para Soberania Alimentar em África), uma plataforma pan-Africana que consiste de redes e de organizações de agricultores através de África , representando pequenos/as agricultores/as, pastoralistas, caçadores/ colectores/as, povos indígenas e cidadãos e cidadãs.

“Estas intervenções da AGRA e do G8 são, primariamente, acerca de abrir mercados e criar espaço para corporações multinacionais tais como a Yara, Monsanto e Cargill, para garantir lucros,” adicionou Francis Ngang, Secretário-geral da Inades-Formation (Formação-Inades) e ponto focal regional de COPAGEN (uma rede de organizações da sociedade civil, predominantemente de organizações de pequenos/as agricultores/as na África Ocidental). “Enquanto líderes mundiais falam em termos filantrópicos acerca de ‘acabar com a fome’, sub-repticiamente as leis de sementes e de comércio estão a ser harmonizadas ao capricho destas gigantes do agronegócio. Os esforços dos/as agricultores/as Africanos/as através dos milénios estão a ser privatizados e expropriados, enquanto as práticas tradicionais e vitais tais como guardar e partilhar sementes estão a ser criminalizadas”.

Como estas iniciativas foram enquadradas em termos do CAADP da União Africana, isto dá-lhes um ar de legitimidade como sendo um processo Africano. “Temos que nos lembrar que o CAADP emergiu como um programa da Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD), no auge do neoliberalismo no início dos anos 2000. Como tal, consideramos que seja um instrumento comprometido,” disse Moses Shaha, Presidente de Eastern and Southern African Farmers Forum (ESAFF- Fórum de Agricultores da África Oriental e Austral), do Quênia. “Para muitos governos africanos, quere eles concordem ou não com as prescrições do CAADP, este oferece a única fonte de alívio financeiro após décadas de ajuste estrutural.”

Enquanto os líderes do G8 e os líderes do agronegócio vendem estas soluções falsas, existem inúmeras alternativas genuínas, baseadas no conceito de soberania alimentar, que seriam muito mais adequadas para o continente Africano. A este respeito a Avaliação Internacional do Conhecimento, da Ciência e Tecnologia Agrárias para o Desenvolvimento (IAASTD) é uma fonte rica de propostas científicas rigorosas.

“Apelamos ao G8, à AGRA e ao CAADP para reconhecerem as realidades no terreno em África, tais como a enorme variedade em condições agroecológicas, práticas agrícolas e entre os próprios agricultores e agricultoras, e prestarem apoio apropriado e dedicado a todos os produtores e a todas as produtoras de alimentos,” concluiu Elizabeth Mpofu, Via Campesina África (Zimbabué). “Alem disso, estas instituições têm de abandonar esforços para afirmar propriedade privada sobre sementes, técnicas e conhecimentos agrícolas, e investir e facilitar

tecnologias de código aberto em parcerias iguais com os nossos agricultores e as nossas agricultoras.”

Contactar:

Meriem Louanchi: +213 21 6985 / meriem.louanchi@gmail.com

Million Belay: +251 11 550 71 72 / melca@ethionet.et

Francis Ngang: +225 22 40 02 16 / francis.ngang@inadesfo.net

Moses Shaha: +254 67 31686 / moses_388ke@yahoo.com

Elizabeth Mpofu: +263 772 44316 / ezimmpofu@gmail.com